INSIGHT
CARIOQUICE
INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN
PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO IX . N:34 . JUL/AGO/SET 2012
ISS 1981-6049

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO IX . N:34 . JUL/AGO/SET 2012

"Um cantinho, um violão / Este amor, uma canção"
apud com Jobim

Bim bim bom
um favo de bossa

CARIOQUICE

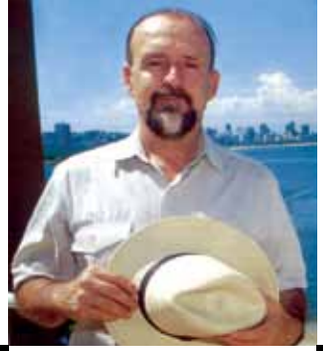
Cerveja é para todo mundo, só não é para menor de 18 anos.

A Ambev sempre apoiou o consumo responsável e agora ele é nossa marca registrada. E o +ID é o ícone dessa campanha. Onde você enxergar essa marca significa que ali tem um produto ou estabelecimento que exige o documento de identidade na compra de bebidas alcoólicas. Faça a sua parte, mostre sua identidade. Ela é a garantia do cumprimento da lei e de estar agindo com responsabilidade. **Consumo responsável. Essa é a nossa marca registrada.**

ambev +ID

Feita por gente e sonhos

BEBIDA ALCOÓLICA É PROIBIDA PARA MENOR DE 18 ANOS.



Biografias sob censura

Esquina do Ricardo

Quando escrevi o livro *Driblando a Censura — De como o cutelo vil incidiu na cultura* (Ed. Gryphus, 2000), referia-me especificamente à minha luta contra a censura das diversões públicas, representante da ABERT e dos autores de música que fui junto ao então chamado Conselho Superior de Censura, um órgão recursal onde nós, da sociedade civil, tentávamos (e quase sempre conseguíamos) derrubar os vetos impostos burramente pelo terrível DCDP — o Departamento de Censura às Diversões Públicas do Ministério da Justiça.

O Conselho de Censura — órgão misto de representantes da sociedade civil e do governo — acabou por sinalizar o fim da censura, o que ocorreria formalmente com a Constituição de 88. E a tal ponto que o Conselho alteraria seu nome para Conselho de Defesa da Liberdade de Expressão.

Agora, tantas décadas depois, os arreganhos do "proibir" estão presentes nas biografias do Brasil. Não à toa, Ruy Castro emitiu frase antológica em que proclama que o perfil ideal de um biografado seria o de "um solteirão estéril, filho único e órfão". Isso para fugir das absurdas disposições agora encontradas no Código Civil (artigos 21 e 22), que, a pretexto de defender os direitos individuais ao uso de imagem, vão de encontro à Constituição. E o pior: não fazem distinção entre pessoas privadas e públicas — estas, objeto natural de interesse dos autores de biografias. Ou seja, hoje, qualquer história de personalidade de repercussão popular pode ser proibida por qualquer um dos citados nos livros, além dos ascendentes, descendentes ou mesmo os próprios biografados. Reconheço que esse é um campo repleto de sutilezas, de dúvidas e de interpretações, sobretudo quando os retratados estão vivos, embora, atenção, atenção, para o detalhe de essência, sejam "personagens públicos". Apenas para se ter uma ideia, Ruy Castro teve dois processos movidos pelas filhas de seu biografado Garrincha, e o livro ficou fora de circulação por 11 anos.

Do mesmo modo, estão interditadas no momento biografias de Guimarães Rosa, André Midani, Fernando Morais, Roberto Carlos e até do lutador Anderson Silva, pelos motivos os mais díspares, quase sempre interpostos por terceiros citados nos livros e que se acham prejudicados no seu direito de imagem.

Mas há uma luz no fim do túnel: a Comissão de Constituição da Câmara, por intermédio do relator Alessandro Molon, está por definir projeto de lei para alterar o Código e fazer valer, pura e simplesmente, o conceito constitucional. Mais amplo e democrático. E que pode repor a censura no seu lugar devido: o lixo.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 34 JULHO/AGOSTO/SETEMBRO DE 2012
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Joyce e quem mais chegar

12 Quem não for músico, que toque a primeira canção

18 Nas ondas do ICCA

22 O sabiá de Braçanã

Pitaco Carioca

30 Cantar quadros deixa a tristeza pra lá

Do bem comer e melhor beber

32 Olha o brioche aí, gente!

Cidade Maravilhosa

38 Imperatore João Nogueira

Magia do Olhar

44 Criaturas da noite carioca

Embaixadora do Rio

56 Estrela alvinegra
Por Elena Landau

Patrocínio

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

BancoBM

Ministério da Cultura

Realização

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa
Cecilia Mattos Setubal

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guaraná
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Banco Fator

O Banco Fator tem uma bem sucedida trajetória, com ampla experiência na estruturação e implementação de operações nos mercados financeiro e de capitais. A excelencia de sua equipe de especialistas pode oferecer completa assessoria no desenvolvimentos de estratégias personalizadas e efetivas, sem burocracia e nem soluções pré-formatadas, que vão contribuir para a gestão e proteção de seu patrimônio.

Private Banking ✿ **Investment Banking** ✿ **Corretora de Valores*** ✿ **Administração de Recursos**** ✿ **Seguradora*****

(Empresas controladas pelo Banco Fator - * Fator S/A Corretora de Valores ** FAR - Fator Administração de Recursos Ltda. *** Fator Seguradora)

São Paulo: (11) 3049-9100 • Rio de Janeiro: (21) 3861-2500

www.bancofator.com.br
SAC: 0800-77-07229
Ouvidoria Fator: 0800-77-32867

bancofator

House Fator

Joyce e quem mais chegar

por **Mônica Sinelli**

Joyce Silveira Palhano de Jesus chega ao planeta Terra, mais precisamente, à Cidade Maravilhosa, a 31 de janeiro de 1948. Joyce nasce no efervescente ano de 1968, quando grava seu primeiro disco. Joyce Silveira Moreno brota em 2001, ao casar-se e incorporar o sobrenome do namorado há 24 anos – o mestre das baquetas, Tutty. E, por fim, em 2009, Joyce Moreno – alentado verbete do Dicionário Cravo Albin online – assume a identidade atual. As quatro fazem parte de uma mesma e inconfundível assinatura no cartório musical brasileiro. Um brinde a todas elas – e à mais nova Joyce que chegar.

A primeira desde sempre personifica a garota carioca da Zona Sul por excelência, nascida e criada no tradicional Posto Seis, em Copacabana, e estudante do colégio São Paulo, em frente à praia de Ipanema. E dava para prestar atenção às aulas? "Não era fácil, com aquela paisagem do Arpoador e os namoradinhos surfistas rondando do lado de fora. Mas, falando sério, eu conseguia ser ótima aluna mesmo assim. Virei leitora compulsiva desde os cinco anos de idade, e isso me ajudava demais na escola. A Zona Sul era um paraíso; a rua, lugar seguro; e a praia, nosso reino. Eu era excelente nadadora e ia ao mar alto com minhas amigas, pegávamos jacaré sem prancha, rodeávamos o píer do Forte de Copacabana e éramos quase sempre expulsas pelos soldados da Prainha, que não existe mais. Surgiam os primeiros duas-peças, com a barriga coberta, os chamados 'engana-mamãe', que eu detestava — usava um maiô preto de natação, o que facilitava minhas incursões na água. Só no final dos anos 1960, comecei a usar biquíni, porque aí já se tratava de um biquíni de verdade, sem hipocrisia", faz graça.

Nada como ter na própria casa um irmão, 13 anos mais velho, guitarrista e enturmado com o pessoal da Bossa Nova, como Roberto Menescal, Luiz Carlos Vinhas e Eumir Deodato. "E, também, uma garota de 18, meio gordinha, que tocava piano e cantava super bem — Leny Andrade. Eu

No colo de sua mãe Zemir

Em 1975, com Vinícius de Moraes

era uma pirralha e ficava por ali, absorvendo tudo. Lembro-me do Newton me mostrando, em primeira mão, o que tinha ouvido na boate Plaza: Rapaz de bem, com Johnny Alf, Mamadeira Atonal, com os irmãos Castro Neves, Minha Saudade, com João Donato. Quando o movimento realmente despontou, já conhecia quase todo aquele repertório. Era o que se tocava nas rodas de violão na praia, em que eu cantava a noite inteira", reconstitui.

Na convivência entre as mais finas companhias, a filha da funcionária pública D. Zemir, que cria os meninos sozinha, é puro encantamento pelas harmonias sofisticadas. Aos 14 anos, começa a namorar o violão, instrumento que se hospeda em seu quarto enquanto Newton dá expediente como advogado no Banco do Brasil — e que se tornará uma extensão indissociável de sua imagem. Ela pontua: "Como não aproveitar a oportunidade? Passei a copiar os acordes que ele e seus amigos faziam e a registrar essas primeiras tentativas musicais num gravadorzinho de rolo Geloso, que minha mãe trouxera da Itália. Um belo dia, em 1964, encontro meu irmão na sala, mostrando uma fita minha para o Roberto Menescal. Fiquei furiosa, aos prantos, por achar que eles iriam rir de mim. Ledo engano: menos de um mês depois, Menescal, como produtor, me convidou para ser a primeira voz de um quarteto vocal — Sambacana — que estava montando para um disco com músicas de Pacífico Mascarenhas. Foi meu primeiro trabalho remunerado e num estúdio de verdade. Comprei um vestido novo, uma sandália e um LP dos Cariocas. O máximo!" — resume.

caderno b x plano a

Autodidata até os 18 anos, ela ingressa no estudo formal de violão, ao tempo em que cursa Jornalismo na PUC. Em 1967, já estagia no sonho de consumo dos jovens profissionais da área — o Caderno B do *Jornal do Brasil*, um belo ponto de partida para uma carreira bem-sucedida na

imprensa. Que, entretanto, será suspensa pelo poder de bemóis e sustenidos. "Caras de quem eu estava me tornando amiga, como Dori, Edu, Caetano e Gil, eram todos crias dos Festivais da Canção, e esse me pareceu o caminho lógico a seguir. O trabalho no Caderno B constituiria, com e sem trocadilho, uma espécie de plano B para a minha vida, caso a música não resultasse em nada. Eu gostava de escrever e do ambiente do jornal. Só não deu para conciliar." Se leitores lamentam, ouvintes, penhoradamente, agradecem.

Inconciliáveis, igualmente, são os lados em que se posicionam ex-futuros colegas de notícias, frente à canção "Me disseram" — classificada no II Festival Internacional da Canção —, sua audaciosíssima (para os costumes) música que, de cara, fulminava: "Já me disseram que meu homem não me ama." A petulância rendeu tanto xingamentos, como vulgar e imoral, quanto elogios pela atitude "feminista", o que quer que isso pudesse significar para a própria estreante até então. A aquariana de olhos claros queria apenas se expressar na primeira pessoa.

"Sempre compus no feminino singular, e nunca tinha me dado conta de que isso ainda não havia sido feito antes na música brasileira por uma mulher — era sempre a voz do homem mimetizando-a. Eu estava com 19 anos, e foi um escândalo que, hoje, parece ridículo. Me surpreendi mais com o conservadorismo de jornalistas que transmitiam a imagem de 'modernos', como Sérgio Porto, que achou um absurdo uma menina, aluna da PUC, escrever 'meu homem' numa letra. Uma parte da imprensa falava mal e outra, a exemplo de Nelson Motta e Fernando Lobo, me defendia. E eu, simplesmente, me empenhava em fazer música do jeito que sabia, não imaginava essa polêmica toda", reporta.

Pior para os ladradores da caretice, porque a caravana está prestes a desfilar. O réveillon que inaugura 1968 é comemorado em meio a uma

"Sempre compus no feminino singular, e nunca tinha me dado conta de que isso ainda não havia sido feito antes na música brasileira por uma mulher"

Na gravação do especial 'Antonio Brasileiro', da TV Globo, com Tom Jobim e Gilson Peranzzetta, 1987

Com Edu Lobo em 1969, no teatro Villaret, Lisboa

nova turma, que incluía Macalé, Sidney Miller e Mauricio Tapajós, jogando futebol com cocos na praia de Ipanema e traçando planos para o futuro próximo, sempre associado à música. Naquele fervilhante ano, nasce nossa segunda personagem: Joyce, que batiza também seu primeiro LP, pela Philips, com um elenco de feras. Ela relata: "Foi uma inesquecível experiência, com grandes arranjadores — maestro Gaya e Dori Caymmi —, metade das músicas compostas por mim e a outra, por meus jovens amigos Caetano, Francis, Marcos Valle e Toninho Horta. E, ainda, a generosidade de Vinícius de Moraes, que realmente me apadrinhou ao dar seu aval

"Costura o fio da vida só pra poder cortar / Depois se larga no mundo pra nunca mais voltar" (Feminina)

Ao lado de Clara Nunes, no lançamento do disco 'Feminina', em 1980

Com o baterista Tutty Moreno: namoro iniciado na turnê de 1977 em Nova York

no texto da contracapa. Houve também coisas patéticas, como a crítica do Diário de Notícias, em que o jornalista afirmava que o álbum trazia músicas tão boas que era difícil acreditar terem sido feitas por mulher. Ele colocava em dúvida a minha autoria! Mas, por isso tudo, significou um momento bacana."

num som se pode viajar

À entrada dos anos 1970, Joyce pega o canudo na faculdade, enquanto lança o segundo disco, produzido por Nelson Motta, e realiza, ao lado de Edu Lobo, a primeira viagem internacional como profissional — entre as inúmeras que povoarão sua trajetória —, apresentando-se no Teatro Villaret, em Lisboa. Até 1975, gravará somente mais um LP, com o então marido Nelson Ângelo, para dedicar-se às bebês Clara e Ana, suas filhas com o músico mineiro.

Naquele ano, a carreira é retomada ao substituir Toquinho em turnê de Vinicius de Moraes pela América Latina e, em seguida, Europa. Em 1977, faz temporada de shows durante seis meses em Nova York. Lá, tem um encontro que dura até hoje com um craque da bateria então radicado na Grande Maçã — Tutty Moreno. Dois anos depois, quem mais chega? Mariana, a terceira filha. Suas canções começam a ganhar gravações de outros intérpretes, como Elis, Milton Nascimento, Bethânia, Nana Caymmi e Ney Matogrosso.

Em 1980, vem o estouro de Clareana, concebida para embalar as duas primogênitas, no Festival de Música Popular Brasileira da TV Globo, juntamente com o lançamento do disco *Feminina*, título da canção em que receita: "Prepara e bota na mesa com todo o paladar / Depois, acende outro fogo, deixa tudo queimar." Outro sucesso na sequência é *Monsieur Binot*. Tom Jobim: anos 1960, uma homenagem, com Gilson Peranzzetta, às seis décadas de vida do compositor, é lançado em 1987.

O percurso internacional deslancha de vez, com os convites para turnês no Japão e na Europa — de onde, posteriormente, a cadência de seu som é transportada pelos DJs ingleses às mais trepidantes pistas de dança do mundo —, que se renovam até hoje. "Quando estive pela primeira vez no Japão, me apaixonei irremediavelmente pelo país, e acho que fui correspondida. Porém, pouco sabia sobre os costumes locais. Então,

Joyce, Tutty, as filhas Clara, Ana e Mariana (recém-nascida) e a enteada Kadi, em 1979

Com a família, em Nova York, em 1992

muito cariocamente, saí dando beijinhos no rosto de todos que ia conhecendo por lá, sem intuir que cometia uma tremenda gafe: japonês, no máximo, cumprimenta com um aperto de mão, e olhe lá. O normal é fazer aquela reverência que a gente vê nos filmes. Mas o pessoal absorveu o choque cultural e levou numa boa", brinca.

contando as histórias e os casos antigos

O CD *Revendo amigos* — songbook de seus sucessos na voz de convidados como Gal, Gil, Chico Buarque, o amigo Menescal e a filha Clara — chega ao público em 1994. Após três anos, Joyce publica *Fotografei você na minha Rolleyflex*, coletânea de histórias em torno do universo da música popular brasileira, que será um passaporte para a volta aos braços de uma ternura antiga: o jornal, no caso, *O Dia*, onde exerceu a função de cronista até 2000. "O convite surgiu por causa do livro. Como adoro escrever, topei. Mas a composição começou a se ressentir, pois eu acabava ficando com menos tempo para a música do que gostaria. Tenho pronto um outro livro, de contos de ficção. Vamos ver o que acontece", deixa no ar.

Minha mãe, por exemplo, trabalhadora exemplar, funcionária pública de grandes méritos, tendo subido na vida por esforço próprio, quando isso já começava a deixar de ser moda — se é que algum dia foi — esta seriíssima senhora não dispensava um bronze, nem mesmo durante os 38 anos em que labutou no Ministério da Fazenda. Sempre dava um jeitinho, nos fins de semana, de não perder a cor que conservou como um troféu pela vida afora, e que, bem ou mal, ainda guarda até hoje, em seus oitenta anos de praia.

(Trecho de "Praia", de seu livro de crônicas)

de bangu ao leblon

Em paralelo, cria e se torna anfitriã do programa *Cantos do Rio*, produzido pela MultiRio, da prefeitura, com a intenção de mostrar a cidade e seus músicos, entre os quais, D. Ivone Lara, Billy Blanco, Zélia Duncan, Ed Motta e Zezé Gonzaga. "Muitas pessoas incríveis que entrevistei não estão mais por aqui — e para algumas foi a última aparição na TV, como Moreira da Silva, Albino

Pinheiro e Luiz Carlos Vinhas. Tive o prazer de ir à casa do Hermeto Pascoal, em Bangu, e de caminhar com Elton Medeiros, no Leblon, e Nelson Sargento, pela Mangueira, numa lista infinita de bons momentos."

A 5 de maio de 2001, nascerá Joyce Silveira Moreno, ao assumir o sobrenome de Tutty, em razão do registro civil, transcorridas mais de 24 primaveras, da união informal. Quatro anos depois, lança seu primeiro DVD, *Joyce & Banda Maluca – Ao Vivo*. Para celebrar as três décadas daquele encontro primordial em Nova York, o casal faz pela primeira vez um disco conjunto – *Samba-Jazz & Outras Bossas*, uma homenagem ao som que marca a adolescência dos dois.

E 2008 é pura festa. Os 60 anos da compositora são comemorados com show no Mistura Fina, em Ipanema. Os 50 da Bossa Nova, por meio da participação em grande evento na praia do mesmo bairro. Os 200 anos da imigração japonesa no Brasil – a convite do consulado do país do sol nascente –, por meio da apresentação em concerto no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, ao lado da orquestra Petrobras Sinfônica. E os 40 de carreira, via gravação ao vivo de um DVD/CD, reunindo figuras importantes desse percurso, como Dori, Menescal, Zé Renato, Monica Salmaso, as filhas cantoras Clara e Ana e João Donato. Com o pianista acreano, divide parcerias inéditas no CD Aquarius, de 2009, data de nascimento de Joyce Moreno.

CD "Rio", um passeio personalíssimo pela alma carioca

Sob o novo nome artístico, produziu, no ano passado, pela Biscoito Fino, o CD *Rio*. Tecido "só" de voz e violão, o passeio à alma carioca é conduzido por canções como *Feitio de oração* (Noel Rosa e Vadico) e *Valsa de uma cidade* (Antônio Maria e Ismael Neto) e, também, Rio meu, sua primeira composição, aos 14 anos de idade: Rio, meu Leblon, Copacabana / Meu Arpoador / Rio, onde até quem já não ama / Encontra o seu amor. "Meu programa preferido, desde a infância, sempre foi e ainda é a praia. Tenho síndrome de abstinência desse mar, preciso mergulhar nele sempre. Isso atua como um bálsamo para mim, cura tudo. Hoje, moro no alto do Humaitá, com o Pão de Açúcar lindamente em frente à janela do meu quarto. No escritório, me encontro aos pés do Redentor. Melhor, impossível. As caminhadas na Lagoa são um programa constante. Nos fins de semana, gosto de fazer a feira no Jardim Botânico e almoçar no Leblon. O Rio é a melhor locação do planeta, tanto pelas paisagens naturais quanto pela arquitetura, que ainda resiste, da art-déco à modernista. Adoro o Centro da cidade, o CCBB, o MAM, o Real Gabinete Português de Leitura...", desfia a carioca carteirinha 001, recém-chegada de mais um giro pelo Japão – para o lançamento do novo CD *Tudo*, previsto para sair aqui no próximo ano – e Nova York. "Eu rodo o mundo, mas estou sempre por aqui de volta." Palavra da viajante bem-vindíssima onde quer que coloque os pés – e, especialmente, as divinas mãos.

Quem não for músico, que toque a primeira canção

por **Monica Ramalho**

Mario Adnet é sinônimo de música. A cantora Maucha, radicada em Nova York, também. Os irmãos e sobrinhos, idem. Juntos poderiam formar uma pequena orquestra e, se Tom Jobim estivesse ainda tomando seus chopinhos na Plataforma, sair pelo mundo acompanhando o maestro soberano.
A menção a Tom não é fortuita. O pianista Chico e as cantoras Maucha e Muiza participaram de vários dos seus shows na sua última década. Já Mario Adnet é uma partitura à parte. Um maestro soberbo, quase soberano.

Mario se casou com Mariza, mais conhecida como Pimpim, em 1980. Na juventude, ela tocava violão e flauta transversa, antes de optar pela gestão dos projetos da família. Joana e Antonia são as filhas do casal: Joana, além de nutricionista, é clarinetista e produtora, grande conhecedora da música de concerto e braço direito do pai; Antonia é violonista, cantora e compositora, com longa passagem pela banda de Roberta Sá. A decisão recente de se lançar, em tempo integral, em carreira solo — acaba de sair seu segundo disco *Pra dizer sim* (Adnet Mvsica e MPB Discos) — vai ao encontro dos caminhos de Mario, que vem há anos criando projetos ao lado da mulher. São obras-primas, como a trilogia em homenagem a Moacir Santos: *Ouro Negro* (2001, MPB Discos), *Choros & Alegria* (2005, Biscoito Fino) e *As canções de Moacir Santos* (2007, Adnet Mvsica), este da discografia de Muiza, mais *Jobim Sinfônico* (2003, Biscoito Fino). No momento, os Adnet se dedicam ao novo projeto sobre Heitor Villa-Lobos.

Acordes e partituras estão presentes no cotidiano dos Adnet há gerações. Tudo começou por volta de 1900, com a bisavó capixaba Adelaide

de Sá Adnet. “Ela era do interior do Espírito Santo e morreu cedo, aos 38 anos, atropelada por um bonde. Soube que ela aprendeu piano de orelhada e tocava muito bem. A origem está nela”, situa Mario. Uma das filhas de Adelaide, Áurea, foi pianista e professora da Universidade de Vitória. Carmen, a tia pianista internacional, foi a responsável pela mudança da família para o Rio, visto que havia estudado com os melhores professores de sua cidade natal. Clodomir, o avô, era muito afinado, adorava samba e conheceu Noel Rosa. Todos conviveram com ele, que morreu aos 90 anos. Clodomir, o vovô Diné, era casado com a vovó Celinha, também entendida nas teclinhas pretas e brancas.

Já Cezar, o pai dos Adnet que conhecemos, era um sujeito “popular e desembaraçado, que ajudava todo mundo”, nas lembranças de

Família Adnet
Da esquerda para a direita, em pé: Maucha, Mariza e Mario;
Sentadas: Muiza, Joana, e Antonia

Mariza

Muiza

Maucha

Cariocas, os seis irmãos cresceram na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, bem pertinho da Cobal

Maucha. Médico, divulgava os shows dos filhos no consultório, mas sem lamber demais a cria. Foi ele quem descolou um bom professor de violão para o Mario assim que ele começou a flertar com o instrumento, com a ajuda do amigo Gomide que, muitos anos depois, veio a ser o anestesista dos partos das filhas de Mario. Gomide estudou com o célebre Moacir Santos. "Olha como essa ligação vem de longe", pontua Mario, deixando claro que só foi saber dessa história quando já estava absolutamente envolvido com a feitura do *Ouro Negro*, disco obrigatório na estante de qualquer apaixonado pela música brasileira.

Maucha lembra do pai comentando: "Só falta ganhar dinheiro", embora impressionado com o talento dos filhos. Mario, por uma mistura de idade e empenho, foi o primeiro da família a mostrar que era possível viver de música. "O pai gostava de tocar caixa no desfile da Unidos de Guarapari. Tocava bem pra caramba. Um dia ele chegou em casa com tudo quanto era instrumento de percussão: tamborim, agogô, reco-reco, ganzá, tarol e surdo. Volta e meia, quando havia uma festinha, acabava em samba. O pai gostava muito de Dorival Caymmi. Mario abraçava o violão e todos nós pegávamos algum instrumento. Isso deu muito do nosso bom ritmo", recorda Muiza. A influência do erudito veio da mãe, Maria Carmen, que adora Debussy e, aos 78 anos, ainda toca piano muito bem.

Os olhos de Mario, Maucha e Muiza brilham ao falar das viagens que faziam na infância para Guarapari. "A gente ia de kombi porque era o único veículo particular no qual cabíamos e lembro do pai sempre puxando um coro para distrair a criançada. Eram dez horas de estrada, imagina só!", conta Mario. Cariocas, os seis irmãos cresceram na rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, bem pertinho da Cobal, que serviu de estacionamento e onde funcionou um circo. "O lugar era cercado por casas e no nosso prédio tinha um monte de árvores frutíferas. Comíamos do pé carambola, manga e jambo", conta Maucha. Já entre a adolescência e a vida adulta, o astral continuava incomum. "A atmosfera dentro da casa deles era muito legal, porque

era bem diferente de tudo o que eu conhecia até então. Apesar de também vir de uma família musical — minha mãe era professora de violão e meu irmão (o produtor e multi-instrumentista) Rodrigo Campello era músico desde cedo —, percebia que o relacionamento deles era de muita liberdade", pondera Mariza.

Chico quis aprender violão aos dez anos, em 1971, quando Mario, três anos mais velho, já havia trocado de professor. "Chico desenvolveu muito. Ele sempre supertalentoso e bom em tudo o que fazia. Era, por exemplo, ótimo nos esportes", diz Mario. Havia uma certa disputa entre os dois, mas nada que alterasse a harmonia dos Adnet. Um pouco depois, Chico largou o violão para se dedicar ao piano e foi aluno de Luizinho Eça. Ele trabalhou por cerca de duas décadas com jingles publicitários. "Chico se casou aos 19 anos e teve que ir à luta porque o Marcelo nasceu dois anos depois", explica Maucha. "Ele priorizou pagar as contas e se afastou do trabalho autoral", emenda Mariza. Em 2011, Chico fez um disco só com autorais, chamado *Alma do Brasil* (Repique Brasil). Além dos irmãos (incluindo as não cantoras Caita e Inês) e dos filhos, a matriarca Maria Carmen participa do coro.

Maucha e Muiza eram plateia de Mario e suas invenções sonoras. A estreia de Maucha como cantora foi num show do grupo vocal Desbundeto, por volta de 1978, que abriu a noite para o Semente, do qual Mario fazia parte. O Desbundeto logo mudaria de nome para Céu da Boca, colecionando admiradores e fazendo história na cena carioca. Entre 1984 e 1994, quando Tom Jobim nos deixou, Maucha integrou a Banda Nova, do maestro soberano. Já Muiza sonhou em cantar ainda pequena por causa do Céu da Boca. Maucha recorda: "Certa vez, deixamos o gravador no colo dela para registrar o show. Quando ouvimos a fita, só dava Muiza, cantando alto todas as músicas, passando do soprano

Mario foi o primeiro da família a mostrar que era possível viver de música

Joana

Mario

Antonia

para o contralto e resvalando no tenor". Risos gerais. Muiza Adnet canta lindamente e pode ser ouvida a bordo da Orquestra Leviana nas casas da Lapa carioca.

Todos balançam a cabeça afirmativamente ao falar dos jovens Adnet: Cezinha, filho de Muiza, canta superbem e Isabella, filha de Maucha com o baterista Duduka da Fonseca, também é craque nas baquetas e nos vocais. O humorista Marcelo Adnet é outro que poderia enveredar pela seara musical. Ele soltou a voz numa bossa registrada do primeiro disco da Antonia, *Discreta* (2010, Biscoito Fino), e foi super elogiado. Os projetos da família são muitos — para sorte nossa. "A vida foi me levando a virar produtor, arranjador e idealizador de projetos para, como violonista, fazer a música que eu gosto. Até cantar eu canto, hoje", comenta Mario Adnet, que está lançando o disco *Amazônia — Na Trilha da Floresta* (2012, Adnet Mvsica). Se leva o selo Adnet, uma certeza paira no ar: é de muita qualidade.

Muiza, mãe do jovem Adnet Cezinha, que canta superbem. Ao fundo, Antonia e Mariza

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BEBA COM MODERAÇÃO
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em
Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
www.reserva51.com.br

Nas ondas do ICCA

por Kelly Nascimento

São dois séculos que se encontram na Urca ligados pelo cordão umbilical do rádio. O Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) mostra que na parceria entre versatilidade e preservação da memória, o maior vencedor é o público. Ao resgatar o acervo da lendária rádio Mayrink Veiga e oferecer a inovadora Rádio Cravo Albin, o ICCA faz modernidade rimar com memória e nos brinda com bela poesia para ouvidos.

"Trata-se de uma instalação da era do rádio com todos os elementos que compunham a sedução da mais poderosa era de comunicação com as massas do Brasil. Não só por ter sido a primeira. É um conjunto de itens de colecionadores, nunca reunidos até então", explica Ricardo Cravo Albin.

O acervo contempla transmissores, gravadores, temos microfones, alto-falantes, e todo o conjunto técnico que compunha uma estação de rádio entre os anos 30 e 60. E, o melhor, está à disposição do carioca, que pode agendar uma visitar gratuita e mergulhar nesse verdadeiro túnel do tempo, que fica na cobertura do 5º andar do prédio do ICCA, ou seja, nos salões onde estão as exposições permanentes do Instituto. Uma das mais preciosas relíquias do Instituto, a instalação da era do rádio conta com letreiros originais — as históricas plaquinhas em que se leem "Aplausos", "Silêncio", "No Ar". Complementa a coleção da era do radio uma coleção de rádios antigos de todas as épocas e marcas possíveis, abrangendo 45 unidades. A trilha sonora não poderia ser mais apropriada: programas da Rádio Nacional são transmitidos no momento em que o público visita a instalação.

"O clima de sedução é bastante aproximado do perfeito. Não à toa, tem atraído muitas pessoas. Não há uma que não se emocione. Essa instalação foi sendo colecionada aos poucos por Marcos Machado e o ICCA acabou por encampar a missão. É uma importância decisiva e sedutora, porque resgata uma época que muita gente sequer conhece ou imagina que tenha existido. Os que conheceram a Era do Rádio se emocionam ao vivo e a cores, entre os microfones de qualidade — são mais de 10. E temos originais da Rádio Mayrink Veiga, da Rádio Nacional e até do Cassino da Urca, espaço que funcionava quase como rádio. Essa é uma das nossas coleções mais valiosas que, nos últimos cinco anos, foi melhorada enormemente, graças ao colecionador Marcos Machado", enaltece Ricardo.

"O clima de sedução é bastante aproximado do perfeito. Não à toa, tem atraído muitas pessoas. Não há uma que não se emocione"

Ricardo Cravo Albin

Por sua vez, Marcos Machado é profundamente grato ao Instituto, fiel depositário do tesouro que hoje pertence a toda a cidade. "Passei anos reconstruindo, restaurando e recuperando as peças desse acervo, que hoje se encontram em perfeita condição e estão em exposição permanente e incorporadas ao acervo do Instituto Cultural Cravo Albin, para que as novas gerações possam admirar e conhecer como funcionavam as estações de radiodifusão no século passado, na áurea "Era do Rádio" em nosso Estado e país", diz o colecionador Marcos Machado.

O estúdio da Rádio Mayrink Veiga no ICCA foi inaugurado por Tony Mayrink Veiga, filho de Antenor, fundador da radio. "A inauguração coincidiu com as gravações do filme sobre Renato Murce. O local é constantemente usado por vários canais de televisão. Lá, foram gravados programas do Nelson Motta e do Faustão, entre vários outros. Pretendemos fazer um evento comemorativo ao aniversário da Rádio Nacional", antecipa Cravo Albin.

DIFERENTES ERAS NUM SÓ INSTITUTO

Num *gap* de talvez um mega-hertz de distância, o ICCA é o lugar que une a era do rádio à da internet. A Rádio Cravo Albin (radiocravoalbin.com.br) cria novo capítulo na história da rádio brasileira e inova ao disponibilizar na internet o melhor da MBP no período que vai dos anos 1930 até os dias de hoje. "A nossa rádio hoje é a única que não toca letras. É o melhor da música instrumental brasileira. É a radiocravoalbin.com.br, incorporada ao site de mesmo nome, ao Dicionário e ao Instituto. É um grande orgulho nosso, pois é a única emissora no Brasil dedicada exclusivamente ao músico brasileiro, não ao cantor. Essa é a diferença", explica Ricardo.

A interatividade é outro diferencial da Rádio Cravo Albin: unifica o prazer de ouvir música e a possibilidade de o ouvinte ser imediatamente informado de detalhes sobre a composição que está no ar, remetendo cada intérprete e compositor ao verbete do Dicionário Cravo Albin. "As rádios usualmente exibem apenas o prazer de ouvir a música preferida de cada um — o que não é pouco. A nossa agrega o prazer à possibilidade de informação residual do intérprete do compositor da música que está sendo executada."

Outro atrativo: o acesso é totalmente gratuito, artigo raro nos dias de hoje. Embora tenha sido a rádio patrocinada pela Faperj e conte com os preciosos apoios culturais da Socimpro e da editora Irmãos Vitale. Quer mais? Clique na rádio e confira!

Quando o tempo fecha, é importante saber onde vai chover.

NEGÓCIOS & FINANÇAS

Relatório Reservado

Aqui a notícia chega antes.

Relatório Reservado, especializado em economia do mercado brasileiro.

O RR não tem participação em empresas, não gerencia fundos.
Nossos analistas trabalham para você, leitor, investidor, com
a independência dificilmente encontrada em outras fontes.

www.relatorioreservado.com.br

O sabiá de Braçanã

por Cleyber Fintelman

Alguns voam. Outros passarão. Luiz Vieira passarinha. O musicista Luiz Rattes Vieira Filho é uma lenda viva e alada da MPB. Que forma seria melhor para definir esse amante da Guanabara, nascido em Caruaru, Pernambuco, e radicado na memória auditiva dos que têm bom gosto? Há mais de seis décadas, Vieira é o "menino passarinho" do Rio de Janeiro. Voa, menino, voa para os mais recônditos abrigos da nossa alma carioca.

Aos 8 anos chegou a Alcântara, "lá prás bandas de Niterói", como define o autor de vários clássicos, como Menino de Braçanã. A música, aliás, serviu de inspiração para um dos mais conhecidos sambas de Adoniran Barbosa. O príncipe do baião, outro de seus codinomes, já havia composto Menino de Braçanã, e Adoniran adorava a música. Num encontro dos dois bambas, Adoniran quis saber se poderia fazer uma versão urbana daquela canção, e aí surgiram os versos "Moro em Jaçanã, seu eu perder esse trem, que sai agora às 11h, só amanhã de manhã", do clássico Trem das Onze.

Luis Vieira e Roberto Paica na TV Itapoã

No entanto, se hoje o espaço de Luiz Vieira já está garantido nos anais da MPB, nem sempre sua vida foi um mar de rosas. Foi motorista de caminhão, transportando laranjas e abacaxis de Itaboraí para o Rio de Janeiro, mecânico na oficina de um tio, guia de cego, engraxate, lapidário etc. Mas nunca abandonou sua meta de trabalhar em rádio, para onde ia todos os dias de manhã, num dos programas mais famosos do

MENINO DE BRAÇANÃ

É tarde, eu já vou indo
Preciso ir embora, té amanhã
Mamãe quando eu saí disse
Filhinho não demora em Braçanã
Se eu demoro mamãezinha tá a me esperar
Pra me castigar. Tá doido moço
Num faço isso, não
Vou-me embora, vou sem medo dessa escuridão
Quem anda com Deus
Não tem medo de assombração
e eu ando com Jesus Cristo
No meu coração

(*Luiz Vieira*)

TREM DAS ONZE

Não posso ficar
Nem mais um minuto com você
Sinto muito amor
Mas não pode ser
Moro em Jaçanã
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã
E, além, disso mulher
Tem outra coisa
Minha mãe não dorme
Enquanto eu não chegar
Sou filho único
Tenho minha casa pra olhar

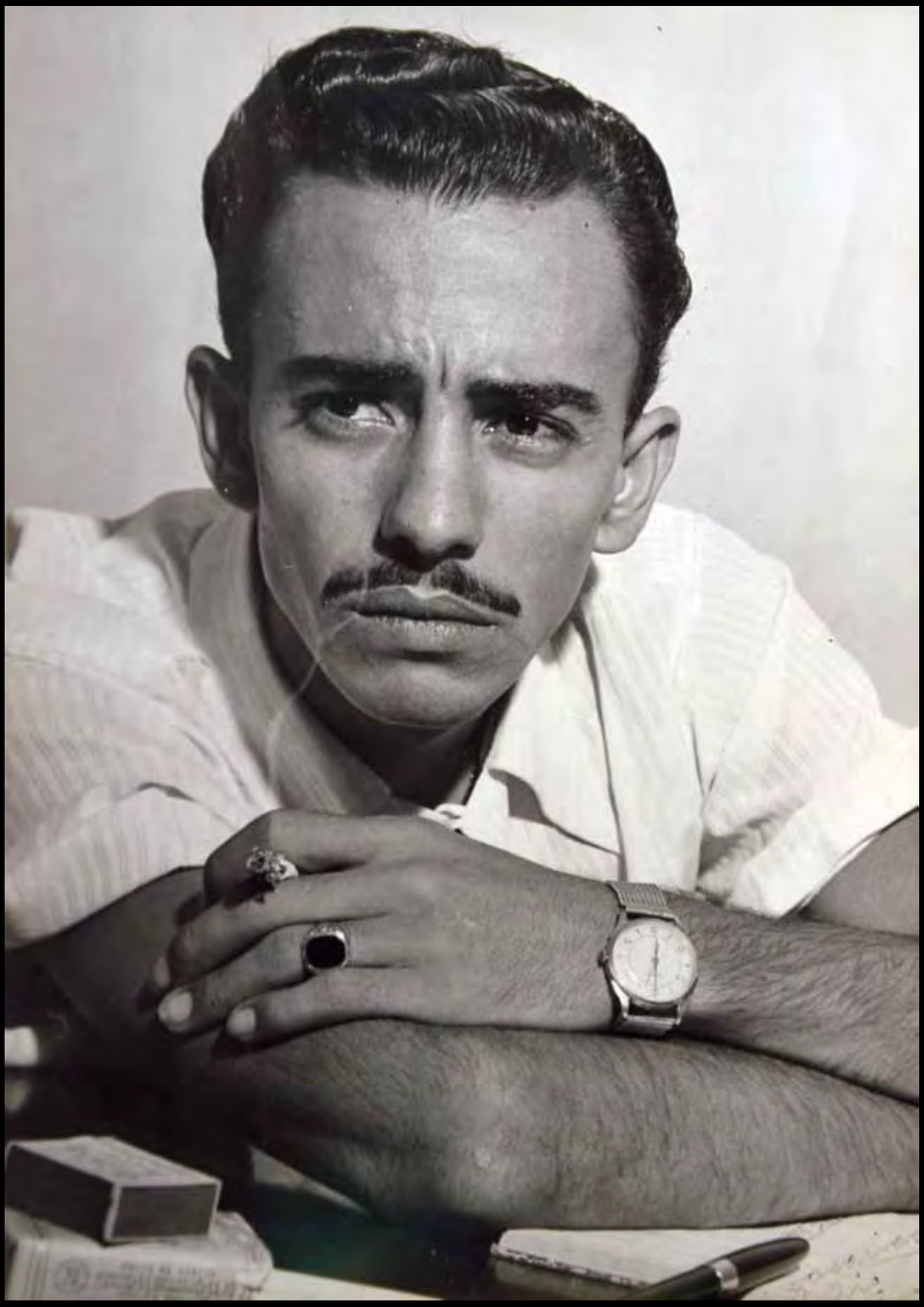
(*Adonirã Barbosa*)

cantor e compositor Zé do Norte. O sucesso não se deveu apenas ao seu talento, mas especialmente por persistir no seu sonho. "Eu sempre fui muito teimoso". A paixão pela música surgiu em casa, graças a sua mãe, uma portuguesa que se dedicava ao canto lírico e ao piano, e a sua avó materna, uma cantadora de viola. Com essa influência, aos oito anos rabiscou uma de suas primeiras músicas.

Início da carreira

As idas frequentes ao programa de Zé do Norte, na Rádio Clube do Brasil, e que tinha entre seus músicos ninguém menos que Luiz Gonzaga, o Gonzagão, acabariam por render frutos. O jovem Vieira, que atuava como um faz tudo na rádio, teve sua primeira oportunidade, como cantor, depois de uma greve dos cantores

Com Sergio Reis



Com Claudio Fontana no progarama em Fortaleza

Em Brasília com Claudio Julio Carneiro, Luis Vieira, Altamiro Carrilho, Elisete Cardoso, Ministro Fernando Lira, Carlos Jose, Eliana Pittman e João Dias

com Miltinho na TV Itapoã

da rádio. Pouco tempo depois assinaria seu primeiro contrato profissional no Cabaré Novo México, na Lapa. Ao fazer uma apresentação para o dono da casa, o mesmo se encantou e logo o contratou. "Foi meu primeiro emprego como cantor, com carteira assinada e, ainda por cima, cantando na Lapa em seu auge".

O cantor e compositor Luiz Vieira, que já atravessou sete décadas vivendo no Rio, cidade que escolheu como sua, acredita na força de sua natureza e de seu povo. "O Rio de janeiro tem mostrado que consegue superar tudo, mesmo o descaso das autoridades. Mas deve haver um limite de superação. Daí a necessidade de uma virada de atuação nos conceitos mais importantes para a melhoria da cidade", observa.

Catapultado pelo sucesso na rádio, entrou para o mercado de gravação de discos e também se tornou um dos fundadores da televisão no Brasil, passando a apresentar um programa na extinta TV Tupi, sem deixar, entretanto, de fazer seus programas de rádio, que alcançava todo o País. Como um admirador da arte

Recebendo o troféu Carripião de Ouro com Marlene

nordestina, por conta de sua origem, sentiu necessidade de se aprofundar mais no tema. “Eu achava um absurdo ser nordestino e não conhecer nada de Nordeste. Então fui para lá pesquisar. Foi isto me deu subsídio para minhas poesias e músicas”, admite Luiz Vieira.

Usando um daqueles batidos clichês, podemos dizer que a música de Luiz Vieira suplantou o cantor e compositor. Diversos foram os artistas que já gravaram suas composições e muitas das vezes podemos conhecer sua obra sem o identificar. De Lúcio Alves, passando por Carmélia Alves, Zizi Possi, Fagner, Sérgio Reis, Elba Ramalho até Maria Bethânia e Caetano Veloso, sua obra de está na voz de cada um desses intérpretes.

Banco BBM
Uma história de ambição, aperfeiçoamento e sucesso.

O Banco BBM faz parte do grupo financeiro privado mais antigo do país, fundado em 1858.
Durante essa longa trajetória, conquistou credibilidade no mercado financeiro por fazer do desenvolvimento de talentos o foco de seu trabalho e da satisfação de seus clientes o seu compromisso.

www.bancobbm.com.br

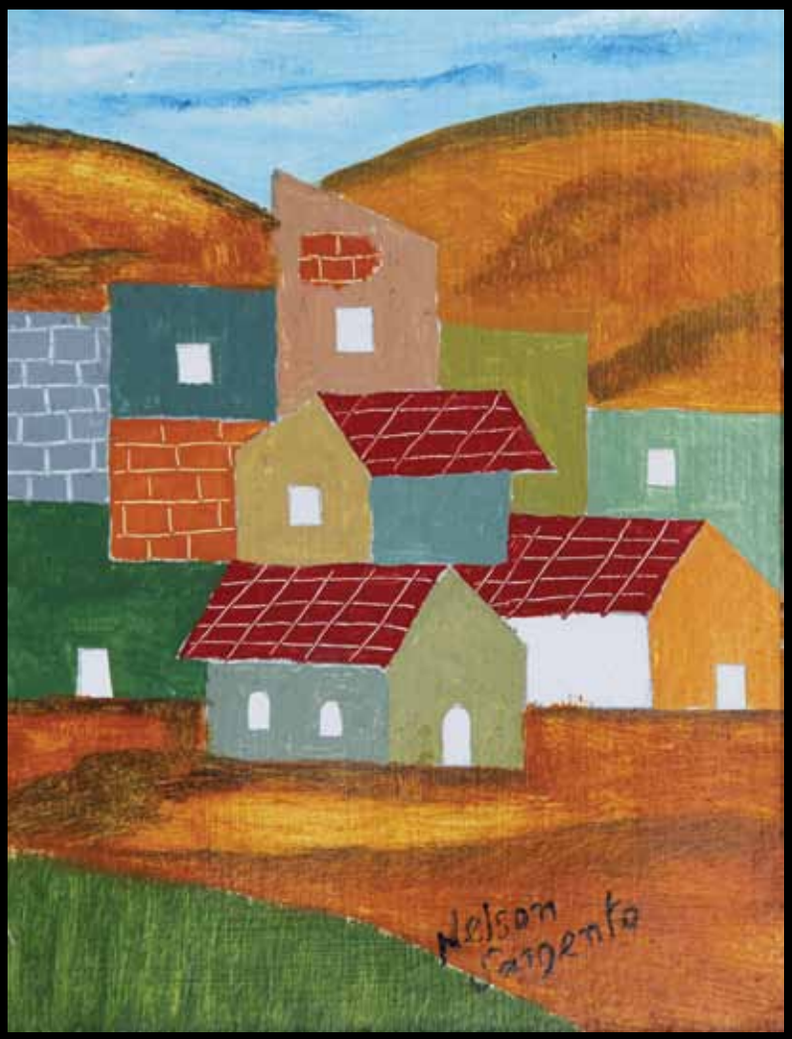
Banco BBM

pessoas
foco
dinamismo

Rio de Janeiro São Paulo Salvador Nassau

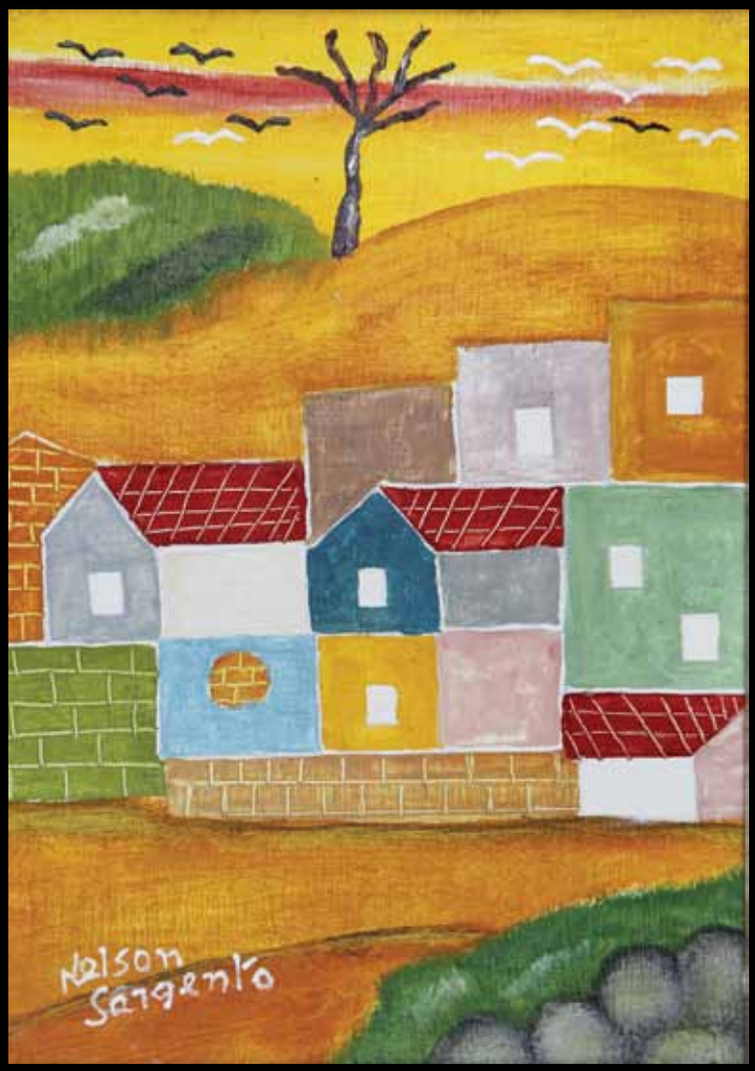
Cantar quadros deixa a tristeza para lá

Nelson Mattos, ou melhor, Nelson Sargento, pinta sambas e canta gravuras. A ordem dos fatores não altera a criatividade deste artista nato, que extrai da seiva dos morros cariocas o melhor das suas obras. A pintura de Nelson Sargento começou quase por acaso, quando nosso mestre ainda erguia paredes de concreto. Por um desses acasos, que mais são milagres, um pedaço de massa de cimento caiu sobre uma tábua. Deu-se a epifania. Sargento enxergou que havia um mavioso batuque nas artes plásticas. E saiu a cantar quadros por aí.


Nelson
Sargento

Nelson
Sargento

Nelson
Sargento


Nelson
Sargento

Olha o brioche aí, gente!

por Cleyber Fintelman

Trigo, sal, água e... forno. É o que basta para fazer, há milênios, o pão nosso de cada dia. Já as primeiras padarias datam, segundo pesquisas arqueológicas, de 3.000 a.C. e a primeira evidência foi encontrada em Gizé, no Egito. No Brasil, o pão como conhecemos hoje chegou por aqui no século XIX pelas mãos dos franceses, e de quem mais? Eles foram os responsáveis pela introdução da iguaria, mas a propagação do comércio em nível nacional, ficou a cargo dos imigrantes italianos. De acordo com Gilberto Freyre, as primeiras padarias surgiram em Minas Gerais. Hoje passam de 50 mil em todo o país, sendo que só no Rio de Janeiro são 6 mil.

O incentivo ao consumo de trigo, promovido pelo governo norte-americano nos anos 1950, fez crescer o número de padarias no país e levou, naturalmente, à mudança nos hábitos no consumo da população.

Hoje a maioria das "casas de pão" ganhou roupagem nova e, em muitos casos, até a companhia de restaurantes "rápidos".

Mas há as que seguem com seus balcões de vidro e espelhos nas prateleiras e vitrines, como há décadas. Estas já tiveram seus padeiros ambulantes, que circulavam de bicicleta com uma cesta de pães à frente e gritando, como muitos devem lembrar: "Padeirooooooo", "Olha o pão quentinhooooo".

DE CENOURA
R$ 1,38

Na Santa Terezinha, instalada há mais de 50 anos na rua Aracati, em Ramos, o sócio-gerente Luiz Duarte explica o sucesso da casa: "Aqui a história passa de pai para filho. Meu pai, Manoel Moreira, e meu tio, Manoel Soares, compraram a padaria em 1968. Ela já existia com este nome desde 1953.Temos uma filosofia de padaria tradicional, antiga, de bairro. Nunca tivemos o caderninho do fiado, de anotar e pagar por mês, como existia em alguns estabelecimentos. Mas não posso negar que ainda temos alguns fregueses que estão conosco há mais de 40 anos, que se beneficiam na hora de levarem algum produto, mesmo que não tenham dinheiro para pagar".

Logo que Luiz acabou de citar esse exemplo, chegou dona Miriam para comprar seu pão da tarde, logo abrindo um sorriso, daqueles de quem está se sentindo em casa, e declarando: "Sou freguesa aqui há 55 anos, antes do pai deste menino aí, que não era nem nascido (apontando para Luiz), comprar a padaria. Por isto, mesmo sem dinheiro não deixo de levar o meu pãozinho. Mas depois eu pago, hein! Anota aí, menina", exclama a fiel cliente.

Outro detalhe que Luiz Duarte fez questão de ressaltar é que ultimamente a padaria tem sido bem frequentada também à noite. "Até algum tempo atrás, depois das 19 horas vinham poucos fregueses. Ficávamos no meio da guerra do Morro do Adeus com a Grota. Com

ROSCA QUE TE QUERO ROSCA

A maioria das padarias não conta mais com seus vendedores ambulantes que gritavam pelas ruas, mas esse tipo de comércio relacionado aos produtos à base do trigo está longe de ser extinto. Nos bairros Catete, Flamengo, Laranjeiras e Glória ainda é possível encontrar o vendedor de rosca. Daquela rosca açucarada que ficava em cima do balcão das antigas padarias. Aproveitando o bom humor e a picardia do carioca, o cearense da cidade do Crato, Erisvaldo Correia dos Santos, conquistou ampla freguesia pelas ruas desses bairros gritando, entre outros bordões, "Venha provar minha rosca quentinha!" e "Olha a rosca macia e doce". Com sua simpatia contagiante, Erisvaldo segue alegrando a vida das pessoas que circulam pelos bairros por onde passa.

"Temos alguns fregueses que estão conosco há mais de 40 anos, que se beneficiam na hora de levarem algum produto, mesmo que não tenham dinheiro para pagar"

Luiz Duarte, sócio-gerente da padaria Santa Terezinha, em Ramos

uma maior presença das autoridades policiais isto agora acabou. O que foi bom para todos. A tranquilidade do bairro está voltando ao normal como era no Rio antigo", admite Luiz Duarte.

"Conhecemos todos pelo nome e percebemos a satisfação que sentem disto, afirma Luiz, chamando para perto da conversa Jorge José da Silva, conhecido no bairro como "Mangueira". "Ele só anda pelo bairro vestido de verde, em homenagem à famosa escola de samba carioca que frequenta. Jorge é freguês da Santa Terezinha há 34 anos", informa Luiz. "Eu convivi com o 'Seu Manoel', o pai do Luiz, que era um ser humano incrível e adorado por todos aqui. Os jovens herdeiros estão mantendo a mesma filosofia dos fundadores, de tratar a freguesia com a maior educação e gentileza. Neste sentido é como se ainda estivéssemos há décadas atrás. Tem gente que vem comprar o pão e encontrar amigos para colocar o papo em dia", admite Jorge, sem conseguir esconder a emoção nas declarações.

Já na padaria Danúbio Azul, que funciona há 60 anos com o mesmo nome na avenida Dom Helder Câmara, no bairro de Del Castilho, também no subúrbio, ainda é possível encontrar o tradicional pão "provence". Uma receita de um pão mais bruto, conhecido por alguns como pão tatu, devido ao seu formato. "Temos fregueses muito antigos que não abrem mão desse tipo de pão. E somos dos poucos que ainda produzimos a bisnaga, já que a maioria das padarias só está fazendo o pãozinho francês e a baguete", informa o gerente Orlando Silva, há 13 anos à frente da tradicional casa. "Passamos por muitas transformações visuais, mas continuamos fazendo o pão da mesma forma que os fundadores. A freguesia nunca reclamou do nosso pão. Nem mesmo a Dona Nadir, uma freguesa que há 60 anos compra pão aqui no mesmo ponto, esnoba Orlando, mantendo a fiel freguesa no anonimato ao ser indagado sobre a possibilidade de procurá-la.

Na Danúbio Azul, na Glória, a caixa Lucilia Alves já trabalha há 35 anos, e diz que a casa ainda produz o pão sacadura... para alguns

fregueses tradicionais que não abrem mão dessa iguaria. "Ainda fazemos também os doces 'jesuíta' (bolo triangular feito de massa folhada, recheada com doce de ovos, canela, com cobertura de glacê ou amêndoas trituradas e clara de ovo) e a tradicional e bem desejada brevidade", conta Lucilia.

Na Ilha do Governador ainda encontramos o padeiro que circula de manhã e à tarde de bicicleta com sua cesta cheia de pães. "Faço esse trabalho há 11 anos aqui no bairro Jardim Guanabara e mantenho alguns fregueses desde o início", declara "Wanderlei padeiro", como pediu para ser identificado. "Atendo uns 25 apartamentos com fregueses idosos que tenho de levar o pão lá em cima em suas casas. Alguns têm dificuldade de locomoção. Mas é muito gratificante meu relacionamento com essas pessoas. Muitos pedem para pagar por quinzena, outro fator que beneficia eles, já que, com suas dificuldades de ir e vir, não precisam ficar indo a bancos se não tiverem o dinheiro na hora. Para facilitar mais ainda a vida da freguesia, podem fazer também encomendas, na hora de receber os filhos ou netos. Poupam-se de telefonemas para a padaria. Eu que resolvo tudo e entrego as encomendas que pode ser um pão a metro ou um bolo", ressalta Vanderlei, confessando que nas suas férias de fim de ano sente saudades de seus "velhinhos".

Este é o Rio de Janeiro que ainda mantém um pouco de suas tradições de décadas passadas conseguindo conviver com as modernas boutiques de pão e os simples balcões onde as pessoas esperam, na maior com tranquilidade, a próxima fornada.

Imperatore João Nogueira

por Monica Ramalho

Acabou essa história de cidade partida. O Méier juntou a Zona Norte à Zona Sul. A reabertura do Imperator, com o subtítulo de Centro Cultural João Nogueira, fez a periferia virar Centro, o subúrbio virar orla, o sertão virar mar. Mas o público da região é que vai aproveitar o melhor da festa. "No primeiro fim de semana, mais de 5 mil pessoas vieram conhecer o espaço", comenta Aniela Jordan, que vai dirigir a casa nos seus primeiros dois anos. Toda a Cidade Maravilhosa está convidada. O Imperator vai bombar!

Com investimento de R$ 28 milhões da Prefeitura do Rio, através da Secretaria Municipal de Cultura e da Riourbe, o Imperator foi reativado em 15 de junho último com show de Diogo (filho de João) Nogueira, após um intervalo de 16 anos. Entusiasta do estilo de vida suburbano, João foi um dos ilustres moradores do bairro e, quando ganhou dinheiro para comprar um imóvel, escolheu uma cobertura de frente para o Imperator. Falecido no ano 2000, o sambista volta agora ao Imperator em forma de homenagem. A nova casa dispõe de 7.277 m² de área construída, distribuídos em quatro andares: no primeiro, por enquanto, há uma cafeteria que também serve refeições e o teatro — com programação abrangente para todas as idades (peças, shows e espetáculos de dança) e poltronas retráteis. Provavelmente, é a única casa do país com esses assentos especiais, que podem ser recolhidos e ficar guardados no fundo ou nas laterais do teatro,

Com investimento de R$ 28 milhões da Prefeitura do Rio, através da Secretaria Municipal de Cultura e da Riourbe, o novo Imperator foi reativado em 15 de junho último, com show de Diogo Nogueira

abrindo espaço para aumentar de 700 lugares sentados para cerca de 1.500 em pé.

No segundo andar, haverá três salas de cinema do grupo Kinoplex, a serem inauguradas no dia 27 de setembro. "A abertura do Festival do Rio desse ano será aqui. Esse *foyer* vai fazer história", prevê Aniela Jordan. No terceiro andar, fica a sala de exposições, raridade no Méier e arredores. Quem for ao Imperator até outubro verá de graça a primeira mostra, sobre o universo de João Nogueira, exposição criada por Afonso Drummond e Ricardo Cravo Albin, que já foi vista por centenas de milhares de pessoas. Com muitas fotos ampliadas da carreira do cantor e compositor e textos que resumem sua vida e obra, além de prêmios, capas de elepês e de objetos pessoais, como um chapéu panamá e a camisa do Flamengo, a exposição revela para o leigo um pouco da alma do criador do legendário Clube do Samba e desperta saudades em quem conhece a sua obra. No som ambiente, uma seleção do melhor de seu repertório, entre elas *Nó na madeira* (com Eugênio Monteiro) e *Espelho*, com Paulo César Pinheiro, seu principal parceiro. E quem ficar curioso por detalhes, pode ler a recém-lançada discobiografia "João Nogueira"

> **"A abertura do Festival do Rio desse ano será aqui. Esse *foyer* vai fazer história"**
>
> **Aniela Jordan**

"Queremos formar plateia, trazendo para o Imperator o que o público gosta"

avisa a diretora artística

(Casa da Palavra), escrita pelo jornalista Luiz Fernando Vianna.

No quarto e último andar há um agradável terraço verde, onde em breve será inaugurado um restaurante. Nessa área, aos domingos, têm sido realizadas atividades gratuitas destinadas aos pequenos. "É um espaco super eclético e estamos empenhados em mostrar, já nos primeiros meses, que abrigamos de tudo. Queremos formar plateia, trazendo para o Imperator o que o público gosta, mas sem esquecer de instigar e apresentar o novo", avisa a diretora artística. Outro desafio será atrair para o Centro Cultural João Nogueira quem mora na Zona Sul e está acostumado a assistir a bons espetáculos perto de casa. Pelo menos no segmento cultural, a "cidade partida" de Zuenir Ventura pode se aproximar. Até porque uma corrida de táxi entre a praia e o Méier está na faixa dos R$ 30.

Lembranças do Clube do Samba

Antonio Carlos Athayde *

"O Clube do Samba nasceu em 1979 da seguinte maneira: Com o fim da Ditadura, o Brasil vivia um momento delicado. A música popular havia desaparecido e, em seu lugar, reinava a discoteca. Tanto é que a novela da moda era 'Dancin Days'. O samba carioca ficou restrito ao Sambódromo causando o desemprego de inúmeros e grandes músicos, que não tinham onde se apresentar nem onde gravar.

Em janeiro daquele ano, fui convidado pelo editor Humberto Vasconcelos para escrever no Caderno B, do Jornal do Brasil. Na época, era o principal suplemento de cultura do Rio de Janeiro. E uma das primeiras matérias que assinei foi justamente sobre esse problema da falta de espaço para a nossa música. Pensei em dedicar uma página aos pagodes nas escolas de samba e liguei para o João Nogueira, porque sabia que ele me levaria às melhores rodas e ficaria feliz em botar o samba novamente em pauta.

Ele se prontificou em me ajudar e, por telefone mesmo, contou que estava pensando em fazer o Clube do Samba. A ideia era criar um espaço de resistência. A maneira como ele falava do assunto me entusiasmou na hora e fui para a casa dele para a gente rabiscar o projeto juntos. A gente varou a madrugada. No outro dia, escrevi uma matéria que saiu com o título: 'João Nogueira convoca para a resistência'. Aquilo virou um rastilho. Em poucos dias, a TV Globo fez uma entrevista no *Fantástico* e pipocaram reportagens na imprensa brasileira.

Diante do sucesso, organizamos uns bailes do Clube do Samba no Morro da Viúva, com músicos como Raphael Rabello e Dino 7 Cordas, que viraram uma febre na cidade. Insistimos muito para a Prefeitura botar som na avenida Rio Branco e, por essas e outras, João foi quem iniciou esse processo de revitalização do carnaval de rua carioca. Vale dar o crédito ao nosso líder!

O Clube do Samba só fez agregar. Depois vieram outros blocos seguindo o movimento, como Simpatia é Quase Amor. Em 1980, saímos no Carnaval com o bloco do Clube do Samba e todas as estrelas do samba, como Clara Nunes, Alcione e Roberto Ribeiro. Era uma maneira de mostrar que os artistas estavam unidos. Para quem gosta de tradição, um aviso: O bloco do Clube do Samba continua desfilando todos os anos no Carnaval do Rio".

* Antônio Carlos Athayde é jornalista e diplomata aposentado. Foi amigo de João Nogueira por 20 anos.

Um pouco de história

Foi aberto ao público em 1954, como Cine Imperator, o maior cinema da América Latina, com capacidade para 2.400 pessoas. Durante décadas foi uma referência na cidade, mas em 1986, com o declínio da frequência às salas de cinema de rua, encerrou suas atividades. Cinco anos mais tarde, reabriu como casa de espetáculos. Bob Dylan, Tina Turner, Shirley MacLaine, Tom Jobim, Gal Costa, Roberto Carlos, Tim Maia, Rita Lee e Caetano Veloso, entre muitos outros, se apresentaram na casa. Em 1995, o Imperator foi fechado indefinidamente. Após 16 anos, a Prefeitura devolve à cidade um pedaço da sua história com melhorias.

O Imperator ressurge, enfim, como um polo de cultura, lazer e entretenimento para os cariocas.

Com informações da assessoria de imprensa

Criaturas da noite carioca

ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

10

1,39

liberdade,
sexualidade e tudo mais.

SKOL 360
COCO VERDE
CAIPIRINHA -RS5

10

Estrela alvinegra

Elena Landau
Economista e advogada. Sócia do escritório Bermudes

Nasci em Ipanema, perto da praça General Osório, e para mim o bairro tem um significado muito especial, como também era para os meus pais.

Havia uma tradição lá em casa. Todos os dias, quando papai chegava do trabalho, ele pegava a mim e meus três irmãos, e íamos mergulhar no Arpoador. Foi assim que aprendi a pegar jacaré de peito.

A praia era tão importante para todos nós que as cinzas dos nossos pais foram jogadas no Arpoador.

Para mim, Ipanema se confundia com Leila Diniz, que cheguei a ver algumas vezes, Casa Mattos, Rio Nápoles, a Banda de Ipanema e a Veronese. Em resumo, nao há mau humor que resista a um por do sol no Arpoador. Ipanema deveria ser sinônimo de sorriso.

A praça Nossa Senhora da Paz era reservada aos programas de domingo, quando íamos ver as matinês de Tom e Jerry. Outro dia, andando por lá, fiquei fotografando suas velhas árvores e pensei que deve haver outra solução para o metrô que não seja derrubá-las. É um lugar tão lindo.

Anos depois, fui morar no Leblon. Sempre perto do mar. Gosto e ando muito de bicicleta e agora tenho me aventurado nos percursos mais longos. Tenho ido à Vista Chinesa, que é belíssima. É incrível que a 10 minutos do mar, a paisagem mude completamente, com toda aquela vegetação exuberante.

E é isso. O Rio é bonito em dia de sol, nublado ou com chuva. Eu sou fanática pela cidade. Gosto do carioca, do horário de verão e do verão propriamente, que é uma atitude. A gente se veste de maneira despojada, vê os turistas chegando, é a maior ebulição. Tudo muda.

Nasci botafoguense. Meu pai era imigrante romeno e seus colegas de colégio eram remadores do Botafogo. Mas o grande responsável por eu ser botafoguense foi o irmão de minha mãe. Ele nos levava de Kombi para os jogos. Era aquela turma de crianças e meu tio. Meus pais também amavam futebol e Botafogo quase vinha no nosso sobrenome. Curioso é que tanto eu como meus irmãos casamos com botafoguenses. Até a minha auxiliar torce pelo alvinegro.

O SulAmérica Auto Mulher é um seguro que dá valor a cada detalhe. Igualzinho às mulheres.

Um seguro com vários benefícios pensados exclusivamente para o público feminino. Esse é o SulAmérica Auto Mulher que oferece mais segurança, proteção e menos aborrecimentos para você.
Acesse sulamerica.com.br/automulher e saiba mais sobre este produto.

SulAmérica Auto Mulher. Se aborrecer pra quê?

SulAmérica
associada ao ING

Este anúncio contém informações resumidas. Os seguros SulAmérica obedecem às condições gerais que devem ser lidas previamente à sua contratação. Para mais informações, consulte seu corretor de seguros. Conheça as condições de uso e abrangência de cada serviço, cobertura ou benefício em www.sulamerica.com.br. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte da autarquia, incentivo ou recomendação à sua comercialização. Cód. SUSEP RG/VD: 15404.001772/2004-14. Sul América Companhia de Seguros. CNPJ: 33.041.062/0001-09.

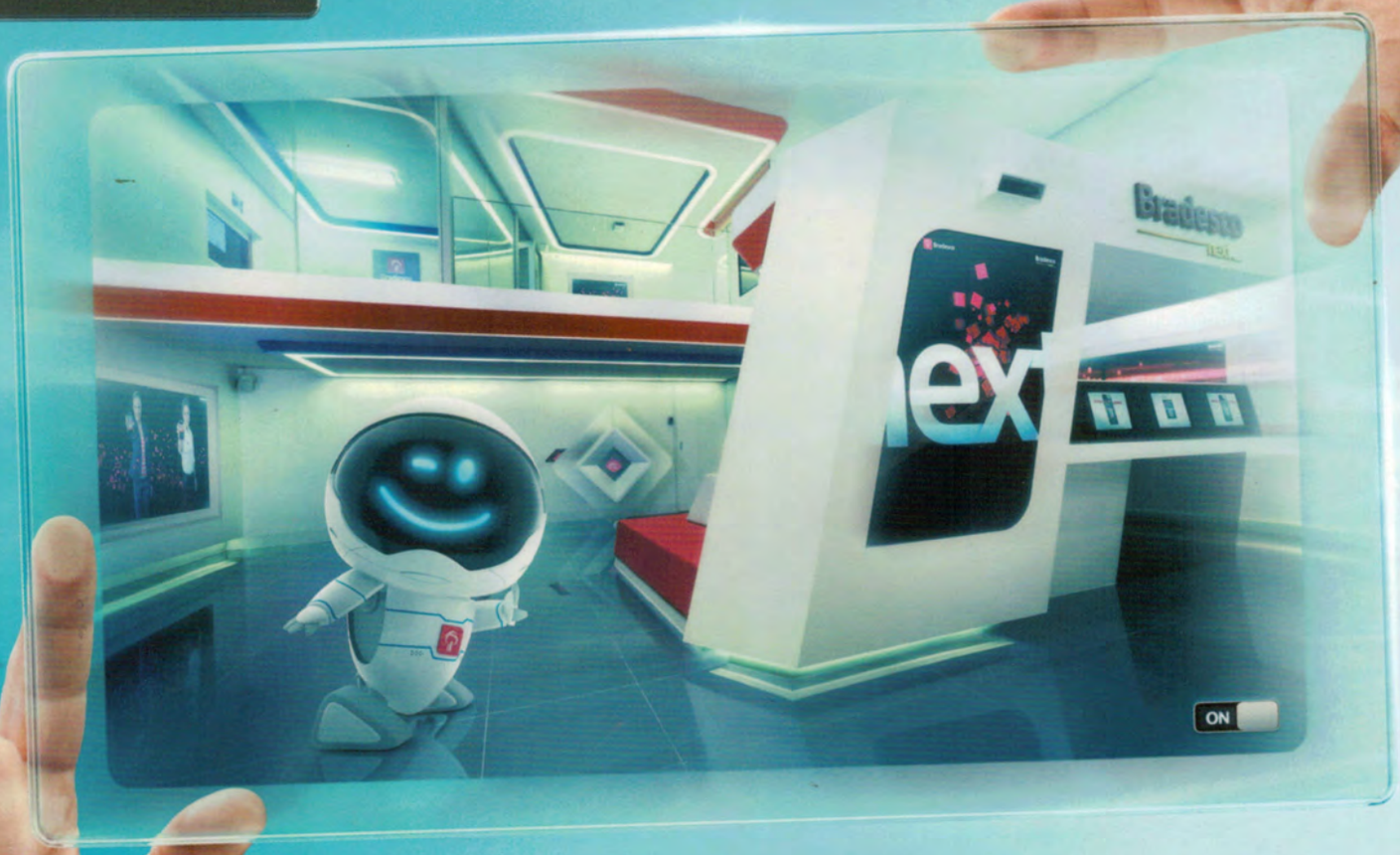
CHEGOU BRADESCO NEXT. DIFERENTE DE TUDO O QUE VOCÊ JÁ VIU. IGUALZINHO AO QUE VOCÊ SEMPRE IMAGINOU.

Bradesco next

O banco do seu tempo.

O Bradesco acaba de mudar sua maneira de ver um banco. Venha conhecer **Bradesco Next**, um jeito totalmente digital e multitouch de interagir com seu banco. Com um simples toque, um Bradesco inteiro pára você.

Bradesco Next.
No shopping JK Iguatemi,
na cidade de São Paulo.



PATROCINADOR OFICIA

Bradesco

Rio20

Baixe um leitor de QR Code em seu celular e aproxime o telefone do código ao lado.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradesco.com.br
twitter @Bradesco
Curtir facebook.com/Bradesco

TM Rio 2016 | Todos os direitos res

Bradesco